

A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO E MANEJO CLÍNICO NAS OCORRÊNCIAS DE DENGUE

Ana Julia Braga Brito Lima¹
Fabricia Wanessa Martins Gomes²
Mikaelly Letycia R. de Abreu³
Rosete Lourdes dos Santos⁴
Thiciany Guerreiro Nascimento de Miranda⁵
Irlan Menezes da Paixão⁶

RESUMO: **Introdução:** O presente trabalho visa investigar o papel da assistência de enfermagem na prevenção e manejo clínico da dengue, doença viral transmitida pelo *Aedes aegypti*, com foco na triagem precoce, tratamento e educação em saúde. Dada a crescente incidência da doença e sua relevância como problema de saúde pública, destaca-se a importância da atuação dos enfermeiros no controle de surtos e na diminuição das complicações associadas. **Objetivo:** Avaliar o papel da assistência de enfermagem na prevenção e no manejo da dengue, com ênfase na identificação precoce, tratamento clínico e cuidados de suporte, buscando aprimorar as práticas de enfermagem e melhorar a qualidade do atendimento prestado à população. **Metodologia:** O estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica descritiva e exploratória, com busca em bases de dados como SciELO, BVS e PubMed. Foram utilizados termos como "dengue", "assistência de enfermagem" e "manejo clínico". Os artigos selecionados foram analisados criticamente quanto à relevância e contribuição para o tema em questão. **Resultados:** A análise dos estudos revelou que os enfermeiros desempenham um papel central na triagem e no manejo clínico da dengue, especialmente na identificação precoce de sinais de alerta, administração de fluidos e monitoramento de pacientes com formas graves da doença. Além disso, destacam-se as ações educativas comunitárias, que contribuem para a eliminação de criadouros do mosquito vetor e para a prevenção da doença. **Conclusão:** A assistência de enfermagem, aliada à capacitação contínua e à vigilância epidemiológica, é essencial para o controle da dengue. A atuação eficiente dos enfermeiros, tanto no contexto clínico quanto no educacional, tem impacto direto na redução de complicações e na melhoria da saúde pública. A padronização de protocolos de atendimento e a colaboração intersetorial são fundamentais para garantir a eficácia dessas ações.

8254

Palavras-chave: Dengue. Enfermagem. Manejo clínico. Prevenção. *Aedes aegypti*.

¹ Bacharelado em enfermagem. Universidade Paulista- UNIP, Campus Castanhal.

² Bacharelado em enfermagem. Universidade Paulista- UNIP, Campus Castanhal.

³ Bacharelado em enfermagem. Universidade Paulista- UNIP, Campus Castanhal.

⁴ Bacharelado em enfermagem. Universidade Paulista- UNIP, Campus Castanhal.

⁵ Bacharelado em enfermagem. Universidade Paulista- UNIP, Campus Castanhal.

⁶ Professor. Orientador. Universidade Paulista - UNIP.

ABSTRACT: Introduction: This study aims to investigate the role of nursing care in the prevention and clinical management of dengue, a viral disease transmitted by *Aedes aegypti*, focusing on early screening, treatment, and health education. Given the increasing incidence of the disease and its relevance as a public health issue, the importance of nurses in controlling outbreaks and reducing associated complications is highlighted. Objective: To evaluate the role of nursing care in the prevention and management of dengue, emphasizing early identification, clinical treatment, and support care, with the aim of improving nursing practices and enhancing the quality of care provided to the affected population. Methodology: The study was conducted through a descriptive and exploratory literature review, with searches in databases such as SciELO, BVS, and PubMed. Keywords such as "dengue," "nursing care," and "clinical management" were used. The selected articles were critically analyzed for their relevance and contribution to the topic. Results: The analysis revealed that nurses play a central role in the early screening and clinical management of dengue, particularly in the identification of warning signs, fluid administration, and monitoring of patients with severe forms of the disease. Furthermore, community education actions contribute to the elimination of mosquito breeding sites and disease prevention. Conclusion: Nursing care, combined with continuous training and epidemiological surveillance, is essential for dengue control. The effective role of nurses, both in clinical settings and in educational efforts, has a direct impact on reducing complications and improving public health. The standardization of care protocols and intersectoral collaboration are key to ensuring the effectiveness of these actions.

Keywords: Dengue. Nursing. Clinical management. Prevention. *Aedes aegypti*.

1 INTRODUÇÃO

8255

O ciclo de transmissão do *Aedes aegypti* é a principal via de propagação da dengue, uma doença febril, sistêmica e dinâmica. O *A. aegypti* não é nativo das Américas; foi introduzido no Brasil durante o período do tráfico de escravos, provavelmente vindo da África (Pitol et al., 2023). Após encontrar condições ideais para sua sobrevivência e reprodução, o mosquito se expandiu geograficamente, estabelecendo-se em várias regiões tropicais e subtropicais. Atualmente, habita latitudes temperadas, adaptando-se tanto a ambientes naturais quanto a áreas urbanas, especialmente no peridomicílio, onde convive em estreita proximidade com os seres humanos (Kraemer et al., 2019).

Nas últimas décadas, o número de casos de dengue aumentou significativamente, resultando em cerca de 50 milhões de infecções sintomáticas anuais, o que torna a dengue um problema de saúde pública global. A doença, que pode variar de forma leve a grave, é causada por um arbovírus da família *Flaviviridae*, com quatro sorotipos conhecidos: DENV 1, DENV 2, DENV 3 e DENV 4. A infecção por qualquer um dos sorotipos pode resultar em diferentes manifestações clínicas (Brasil, 2008; OMS, 2019).

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) classifica a dengue em três categorias: dengue sem sinais de alerta, dengue com sinais de alerta e dengue grave. No entanto, essa

classificação tem sido alvo de críticas, pois alguns pesquisadores afirmam que ela não se aplica universalmente devido às especificidades regionais nas áreas endêmicas. Isso dificulta o estudo de casos em diferentes contextos. Por outro lado, há estudiosos que defendem a classificação da OMS, alegando que ela é eficaz e adaptável. Outra proposta sugere a combinação dessa classificação com critérios anteriores, o que facilitaria a avaliação clínica (Low et al., 2018).

De acordo com o Ministério da Saúde (Brasil, 2010), a dengue pode ser clinicamente dividida em três formas: dengue clássica, dengue hemorrágica — também conhecida como "febre hemorrágica da dengue" (FHD) — e síndrome do choque da dengue. A forma mais grave, a síndrome do choque da dengue, ocorre quando o paciente apresenta uma queda acentuada ou ausência de pressão arterial, além de complicações como alterações neurológicas, problemas cardiorrespiratórios e insuficiência múltipla de órgãos.

Diante desse cenário preocupante, este estudo tem como proposta realizar uma revisão integrativa da literatura sobre a assistência de enfermagem na prevenção e manejo clínico dos casos de dengue. O objetivo é contribuir para o aprimoramento das práticas de cuidado e para a redução dos impactos da doença. Ao compreender melhor o papel da enfermagem nesse contexto, espera-se reforçar a importância de estratégias eficazes no combate a essa ameaça global, oferecendo uma abordagem mais robusta e humana para o tratamento dos pacientes.

1.1 TEMA GERAL

A assistência de enfermagem na prevenção e manejo clínico nas ocorrências de dengue.

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A Importância da Assistência de Enfermagem no Cuidado de Pacientes com Dengue.

1.3 JUSTIFICATIVA

A dengue, uma doença viral transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, continua a representar um enorme desafio para os sistemas de saúde em diversas regiões do mundo. O crescimento desordenado das populações, o saneamento básico inadequado e as constantes variações climáticas têm criado um cenário ideal para a proliferação desse vetor. A urbanização acelerada, muitas vezes sem o devido planejamento, intensifica esse quadro, tornando a dengue uma preocupação crescente, não só para as autoridades de saúde, mas também para as comunidades afetadas.

Neste contexto, a atuação da enfermagem é indispensável. O profissional de enfermagem, devidamente capacitado, assume um papel central não apenas no cuidado direto aos pacientes, mas também na educação comunitária. A enfermagem é responsável por conscientizar a população sobre medidas preventivas simples, porém eficazes, como a eliminação de criadouros do mosquito, a manutenção de hábitos saudáveis e a importância de ações coletivas para o controle da dengue. Esse papel vai além das fronteiras dos hospitais e clínicas, alcançando os lares, escolas e espaços públicos, ampliando o impacto positivo da profissão na sociedade.

A assistência de enfermagem se torna ainda mais crucial quando falamos do manejo clínico da doença. O enfermeiro atua desde a triagem inicial, monitorando os sinais e sintomas dos pacientes, administrando medicamentos e oferecendo orientações essenciais sobre autocuidado. Esse acompanhamento cuidadoso pode ser a diferença entre uma recuperação rápida e uma complicação grave. Profissionais bem treinados e atentos são capazes de identificar precocemente sinais de alerta e realizar intervenções que salvam vidas. Não apenas no tratamento imediato, mas também na promoção de uma recuperação segura e eficaz.

Portanto, este estudo é de suma importância, pois busca compreender e reforçar o papel da assistência de enfermagem na prevenção e no manejo clínico da dengue. Em um cenário onde a doença impacta diretamente a qualidade de vida das pessoas e sobrecarrega os serviços de saúde, é urgente o desenvolvimento de práticas cada vez mais eficazes e estruturadas. Ao destacar o protagonismo da enfermagem, este trabalho não apenas valoriza uma profissão essencial, mas também revela o potencial transformador que ela possui dentro da saúde pública. Com o fortalecimento dessas práticas, é possível reduzir significativamente a morbimortalidade associada à dengue e oferecer aos pacientes um cuidado digno, humanizado e eficaz.

1.4 PROBLEMA DA PESQUISA

De que maneira a assistência de enfermagem, com suas práticas de triagem, manejo clínico e ações educativas, influencia diretamente a recuperação dos pacientes com dengue e a prevenção de complicações graves, considerando diferentes contextos socioeconômicos, a variação no acesso aos serviços de saúde e os desafios enfrentados pelos profissionais na aplicação de protocolos clínicos em áreas endêmicas? Além disso, como a capacitação contínua e a vigilância epidemiológica, lideradas por enfermeiros, podem contribuir para a redução da mortalidade e o controle dos surtos de dengue?

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar o papel da assistência de enfermagem na prevenção e no manejo da dengue, com ênfase na identificação precoce, tratamento e cuidados de suporte, a fim de aprimorar as práticas de enfermagem e melhorar a qualidade do atendimento prestado à população afetada.

1.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar o nível de conhecimento dos enfermeiros sobre a dengue, com ênfase na compreensão da epidemiologia, manifestações clínicas e estratégias de prevenção;
- Analisar as práticas atuais dos enfermeiros na identificação precoce dos sintomas da dengue;
- Investigar a eficácia das estratégias de educação em saúde utilizadas pelos enfermeiros na prevenção da dengue;
- Verificar o impacto das intervenções realizadas pelos enfermeiros no manejo clínico dos pacientes com dengue.

2 SUPORTE TEÓRICO

2.1 CAPÍTULO I

2.1.1 DENGUE: DEFINIÇÃO, HISTÓRICO E EPIDEMIOLOGIA

De acordo com Sinivas e Srinivas (2015), a palavra "dengue", de origem espanhola, descreve um conjunto de sintomas que incluem dores musculares e nas articulações. Esse termo foi adotado oficialmente em 1869 para nomear a doença. A primeira grande epidemia de dengue hemorrágica nas Américas aconteceu em Cuba, em 1981, cerca de 30 anos depois dos primeiros casos registrados na Ásia. Desde então, o número de casos vem crescendo de forma alarmante.

A Dengue está presente em todo o mundo há mais de 200 anos. O *Aedes Aegypti* é o principal vetor da doença. Este mosquito é principalmente doméstico e vive em águas limpas. O ciclo de transmissão humana permite que o vírus da dengue persista nos ovos do mosquito, que são extremamente resistentes à dessecação (NEWTON; REITER, 1992; RODHAIN; ROSEN, 1997).

Pitol et al. (2023) sugerem que o *A. aegypti* provavelmente chegou ao Brasil a bordo dos navios negreiros. Após a erradicação da febre amarela no início do século passado, durante o governo Vargas, o mosquito foi considerado extinto, com o Brasil recebendo certificados de observadores internacionais que atestavam a ausência da doença no país. A eliminação foi rápida e eficaz. No entanto, nas décadas de 1940 e 1950, com o aumento da industrialização e urbanização, surgiram novos criadouros para os mosquitos, como pneus e sucata de metal, amplamente espalhados pela indústria automobilística. Em 1967, o *A. aegypti* foi encontrado em

Belém, provavelmente trazido do Caribe em pneus contrabandeados. O mosquito já havia atingido Salvador em 1974 e chegou ao estado do Rio de Janeiro no final da década de 1970 (Araújo et al., 2012).

Segundo o Ministério da Saúde (2019), a cidade do Rio de Janeiro foi cenário de duas grandes epidemias. Em 1986, cerca de 90 mil casos foram confirmados, no mesmo ano dados alarmantes foram divulgados: larvas do mosquito estavam presentes em 28% dos domicílios de Nova Iguaçu e em 100% das borracharias da Via Dutra. A segunda epidemia ocorreu em 1990, com aproximadamente 100 mil casos. A partir de 1995, a dengue passou a ser registrada em todo o país (Teixeira, 2000; Brasil, 2019).

Além disso, estudos recentes mostram que as mudanças climáticas e a falta de políticas públicas eficazes para o controle do *A. aegypti* têm contribuído para a expansão geográfica do mosquito, que agora é encontrado em áreas antes consideradas de baixo risco, como regiões serranas e áreas mais afastadas de grandes centros urbanos. Isso se deve ao aumento das temperaturas médias globais, que cria condições mais favoráveis para o desenvolvimento do mosquito, assim como a urbanização desordenada e o saneamento básico inadequado, que oferecem um ambiente propício para a proliferação do vetor.

2.1.2 ASPECTOS CLÍNICOS

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019), a dengue apresenta uma ampla gama de manifestações clínicas, que vão desde infecções assintomáticas até formas graves e potencialmente fatais, como a dengue hemorrágica e a síndrome do choque da dengue. A evolução da doença é dividida em diferentes fases, cada uma com características clínicas específicas, que são essenciais para guiar o manejo adequado do paciente.

O Quadro 01 ilustra essas quatro fases: fase inicial, fase crítica, fase de recuperação e fase de convalescença, cada uma com sintomas clínicos próprios que exigem atenção especializada ao longo do tratamento.

Quadro 1 - Fases Clínicas da Dengue.

	Fase inicial	Fase crítica	Fase de recuperação	Fase de convalescença

Periodo	Cerca de três dias	transcorre entre o 4 ^o e 7 ^o dia da doença	Inicia-se quando as manifestações começam a diminuir	e prolongar por até 6 meses
Sintomas	Febre sem localização. Manifestações gerais como cefaleia, artromialgia, dor retro ocular e mal-estar, podem aparecer	Extravasamento de plasma, trombocitopenia, rash e manifestações hemorrágicas.	recuperação de apetite	Caracterizam-se por cefaleia discreta, cansaço e artromialgias. Não presente na totalidade dos casos

Fonte: Ministério da Saúde. Brasil, 2019.

De acordo com o Ministério da Saúde (2019), a fase febril é marcada principalmente por febre alta, que dura de dois a sete dias, variando entre 39°C e 40°C. O início é abrupto, geralmente acompanhado de cefaleia, intensa fraqueza muscular, dores no corpo (mialgias), dores nas articulações (artralgias) e dor atrás dos olhos (retro-orbital). Sintomas como falta de apetite, náuseas e vômitos também podem estar presentes, além da diarreia, que ocorre com três a quatro evacuações diárias, geralmente com fezes pastosas, o que facilita o diagnóstico diferencial com gastroenterites de outras origens. Aproximadamente 50% dos pacientes apresentam exantema, predominantemente maculopapular, que afeta face, tronco e membros de forma progressiva, podendo alcançar as palmas das mãos e as plantas dos pés. Em alguns casos, o exantema pode surgir em outras formas, com ou sem prurido, e geralmente aparece após a febre desaparecer. Após essa fase febril, muitos pacientes começam a melhorar gradualmente, com recuperação do estado geral e retorno do apetite.

No entanto, a fase crítica pode surgir em alguns pacientes, com risco de evoluir para formas graves da doença. Por isso, é essencial adotar medidas diferenciadas de manejo clínico e monitoramento imediato. Essa fase tem início com a defervescência (queda) da febre, que ocorre entre três e sete dias após o início da infecção. É nesse momento que surgem os sinais

de alarme, quando presentes (Brasil, 2019).

O manual reforça a importância de monitorar e valorizar esses sinais de alarme de forma rotineira, orientando os pacientes a buscar assistência médica imediata caso eles apareçam. A maioria dos sinais de alarme está relacionada ao aumento da permeabilidade vascular, o que indica o início da deterioração clínica do paciente, com risco de evoluir para choque por extravasamento plasmático. O Quadro 2 descreve os sinais de alarme em detalhes (Brasil, 2016).

Quadro 2 - Sinais de Alerta para suspeita de Casos de Dengue

SINAIS DE ALERTA DA FASE CRÍTICA
Dor abdominal intensa (referida ou à palpação) e contínua; Vômitos persistentes; Acúmulo de líquidos (ascite, derrame pleural, derrame pericárdico); Hipotensão postural ou lipotimia; Hepatomegalia >2 cm abaixo do rebordo costal; Sangramento de mucosa; Letargia e/ou irritabilidade.

Fonte: Ministério da Saúde. Brasil, 2016.

No Guia de Diagnóstico e Manejo Clínico (Brasil, 2016), o Ministério da Saúde alerta que as formas graves da dengue podem se manifestar por choque ou acúmulo de líquidos, resultando em desconforto respiratório devido ao intenso extravasamento plasmático. Nesses casos, o derrame pleural e a ascite podem ser detectados clinicamente, dependendo da gravidade do extravasamento e da quantidade excessiva de fluidos administrados ao paciente. O extravasamento plasmático também pode ser identificado pelo aumento do hematócrito — quanto maior a elevação, mais grave é o quadro —, pela diminuição dos níveis de albumina e por meio de exames de imagem.

Outras formas graves da dengue incluem sangramentos abundantes e o comprometimento de órgãos vitais, como coração, pulmões, rins, fígado e sistema nervoso central (SNC). O quadro clínico pode variar bastante, dependendo de como cada um desses órgãos e sistemas é afetado, o que será explorado em mais detalhes adiante (Brasil, 2016; Sobral et al., 2019).

2.2 CAPÍTULO II

2.2.1 A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO MANEJO CLÍNICO COM OPACIENTE COM DENGUE

De acordo com a OPAS (2019), os cuidados de enfermagem prestados pelo enfermeiro buscam oferecer uma assistência integral ao paciente, desde a classificação de risco até a aplicação de medidas efetivas de tratamento. A atuação do enfermeiro baseia-se em conhecimentos científicos, que precisam ser constantemente atualizados, evidenciando a importância da educação permanente. Isso envolve desde o diagnóstico de enfermagem até o estabelecimento de metas e intervenções, além da utilização de ferramentas específicas, como roteiros de atendimento voltados para pacientes com dengue.

Segundo o Ministério da Saúde (2019), a triagem e um diagnóstico precisão essenciais para garantir uma intervenção rápida e eficaz. Os enfermeiros devem estar preparados para identificar os sinais e sintomas típicos da dengue, como febre alta, dor de cabeça intensa, dores musculares e articulares, além de sinais de alerta para complicações graves, como sangramentos anormais e indícios de choque. Uma avaliação sistemática e completa ajuda a detectar rapidamente casos suspeitos, encaminhando-os para exames laboratoriais que confirmem a doença.

8262

No cuidado de pacientes diagnosticados com dengue clássica ou dengue hemorrágica, o enfermeiro desempenha um papel vital, monitorando de perto os sinais e sintomas dessas variações da doença. Dessa forma, ele se torna uma peça-chave no manejo dessas patologias. No combate à dengue, de acordo com o Ministério da Saúde (2019), o enfermeiro pode:

- Realizar consulta de enfermagem, solicitar exames complementares e prescrever medicações conforme protocolos ou outras normativas técnicas estabelecidas pelo gestor municipal, observando as disposições legais da profissão;
- Identificar sinais de alarme da dengue e realizar a notificação;
- Realizar a prova do laço, em casos de suspeita de dengue hemorrágica;
- Prestar assistência domiciliar, quando necessário;
- Enviar semanalmente ao setor competente as informações epidemiológicas referentes à dengue na área de atuação da UBS;
- Orientar os pacientes sobre o tratamento;
- Instruir o paciente sobre a utilização e a importância do "Cartão de Identificação do Paciente com Dengue";
- Promover, de forma contínua e exaustiva, a conscientização da comunidade sobre a eliminação de criadouros potenciais do mosquito, incentivando a participação ativa da população (Brasil, 2019).

Uma vez estabelecido o diagnóstico, os enfermeiros desempenham um papel essencial no monitoramento contínuo dos pacientes com dengue. Isso inclui a observação regular dos sinais vitais, avaliação do estado de hidratação, verificação da contagem de plaquetas e vigilância atenta para detectar possíveis complicações. O manejo de fluidos é particularmente crítico, já que a desidratação é uma complicação comum. Os enfermeiros devem estar sempre atentos aos sinais de choque e prontos para intervir com reposição de líquidos adequada, conforme necessário (Brasil, 2019).

Além do tratamento direto dos sintomas, os enfermeiros têm um papel crucial na educação dos pacientes sobre medidas preventivas e cuidados pessoais. Isso envolve orientações sobre a eliminação de criadouros de mosquitos, o uso de repelentes, medidas de proteção individual e sinais de alerta que exigem atenção médica imediata. Capacitar o paciente por meio da educação é essencial para garantir adesão ao tratamento e prevenir complicações graves (Brasil, 2019).

A assistência de enfermagem é central no manejo clínico da dengue, desde a triagem inicial e diagnóstico precoce até o acompanhamento contínuo dos sintomas e a educação sobre prevenção. A colaboração multidisciplinar entre enfermeiros, médicos e outros profissionais de saúde é fundamental para garantir os melhores resultados possíveis para os pacientes (Bhatt et al., 2013).

A atuação dos enfermeiros na prevenção primária, secundária e terciária é de grande importância, através de orientações aos pacientes de todas as idades. Esses profissionais são responsáveis por todo o processo informativo. Entre suas condutas, nos casos de suspeita ou confirmação de dengue, estão o acolhimento com avaliação e classificação de risco, início de orientações orais, preenchimento do cartão de usuário da dengue, registro no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), orientação para retorno no primeiro dia sem febre ou ao surgimento de novos sintomas, além de alertas sobre medicamentos que não devem ser utilizados sem prescrição médica e instruções aos familiares sobre a eliminação de criadouros do vetor (Tavares e Tocantis, 2018).

É essencial que os profissionais de enfermagem estejam em constante atualização, sempre buscando novos conhecimentos sobre tecnologias em saúde e descobertas sobre doenças como a dengue. Os cuidados de enfermagem estabelecidos pelo Ministério da Saúde destacam o papel do enfermeiro como multiplicador de conhecimento, que ultrapassa as unidades de saúde e alcança a comunidade onde atua (Sousa, 2019).

O enfermeiro deve ter conhecimento suficiente sobre a doença para realizar um

diagnóstico preciso e uma intervenção eficaz. O foco deve estar na promoção da saúde e na prevenção de complicações, levando em consideração a individualidade e complexidade de cada paciente. No caso das arboviroses, a prevenção é uma estratégia chave para o controle e deve ser implementada de forma eficiente por gestores e profissionais de saúde (Veras, 2021).

2.3 CAPÍTULO III

2.3.1 AS AÇÕES DE PREVENÇÃO E CONTROLE DA DENGUE

O Ministério da Saúde destaca a importância da vigilância em saúde no combate à dengue, visto que se trata de um conjunto de ações voltadas para proporcionar maior conhecimento, detecção e prevenção dos fatores determinantes e condicionantes da saúde individual e coletiva. O objetivo é que a população adote medidas de prevenção e controle de doenças e possíveis agravos. Dentre as arboviroses, a dengue tem recebido destaque, com amplos incentivos para ações de prevenção e vigilância, considerando sua ampla disseminação em países tropicais e subtropicais, como o Brasil (Brasil, 2021).

As práticas coletivas são essenciais para promover a saúde, sendo baseadas em educação, comunicação e informação. Essas práticas complementam os conhecimentos sem comprometer a unicidade dos setores envolvidos. Duas principais estratégias podem ser identificadas: o desenvolvimento de iniciativas que promovam mudanças de comportamento e o reconhecimento de que a saúde é influenciada por diversos fatores, incluindo aspectos sociais, políticos e ambientais (Maia, 2018).

O Plano Nacional de Controle da Dengue (PNCD), implantado em 2002, tem como meta preparar e qualificar profissionais de saúde para o atendimento de pacientes com dengue. Para suprir a carência de treinamento, a Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) orienta os profissionais de enfermagem para a identificação precoce e a assistência adequada aos pacientes com dengue, abordando ações de vigilância epidemiológica no combate e controle da doença. Diante disso, é essencial que o profissional de enfermagem esteja em constante atualização, buscando novos conhecimentos que permitam assimilar as constantes mudanças tecnológicas e descobertas sobre doenças como a dengue (Maniero et al., 2019).

A vigilância epidemiológica é crucial para a execução de medidas de controle, cujo objetivo é reduzir o número de casos e evitar epidemias de forma oportuna e eficaz (Brasil, 2022).

A prevenção é concebida como um conjunto de ações direcionadas a evitar o surgimento de doenças específicas, com base principalmente em dados epidemiológicos (Andrade, 2020).

A promoção da saúde visa capacitar as pessoas a melhorarem sua saúde e exercer maior controle sobre ela. Além disso, a participação do enfermeiro na vigilância epidemiológica é fundamental, monitorando e reportando casos suspeitos ou confirmados de dengue às autoridades de saúde, o que permite a adoção de medidas rápidas e eficazes para conter surtos, como o fortalecimento das ações de controle do vetor e o reforço da assistência aos pacientes (Barbosa, 2017).

Um dos maiores problemas de saúde pública é o desenvolvimento e a propagação do agente transmissor da dengue, especialmente em países cujas condições socioambientais favorecem esse processo. Fatores como educação ambiental inadequada, manejo incorreto de resíduos sólidos, abastecimento de água intermitente e esgotamento sanitário precário são apontados como contribuintes para a proliferação do mosquito transmissor. O aumento populacional e a falta de conhecimento da população sobre a importância de eliminar criadouros ampliam a probabilidade de ocorrência de dengue em áreas urbanas (Silva et al., 2011).

Apesar dos esforços de prevenção e controle, a incidência crescente de casos de dengue e a expansão da doença continuam evidentes. Fatores como a proximidade de áreas periféricas, baixa renda e variações climáticas aumentam o risco de contrair a doença (Sobral et al., 2019).

Por fim, o enfermeiro desempenha um papel crucial na prevenção da dengue, sendo responsável por educar a comunidade sobre medidas preventivas. O profissional orienta a eliminação dos criadouros do mosquito *Aedes aegypti*, vetor da dengue, por meio da remoção de recipientes que possam acumular água parada (Barbosa, 2017).

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO, COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa será realizada por meio de uma revisão de literatura, com enfoque em um levantamento bibliográfico descritivo e exploratório. Esse método é uma ferramenta valiosa para fundamentar teoricamente o estudo, proporcionando uma visão ampla e aprofundada sobre o tema em questão.

A revisão de literatura segue um processo sistemático de análise crítica de estudos previamente publicados, permitindo a identificação de tendências, lacunas de conhecimento e áreas de interesse para futuras investigações. Fink (2019) destaca a importância desse método para situar o problema de pesquisa em um contexto mais amplo, fornecendo uma base sólida para o desenvolvimento do estudo.

Inicialmente, será conduzida uma busca abrangente em bases de dados eletrônicas, como

SciELO (Scientific Electronic Library Online), Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), NCBI (National Center for Biotechnology Information), Connected Papers, PubMed (National Library of Medicine) e MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online), utilizando termos-chave como "dengue", "assistência de enfermagem", "manejo clínico", entre outros. Essa etapa permitirá a identificação de uma ampla gama de estudos, incluindo artigos científicos, teses, dissertações, livros e relatórios técnicos relacionados ao tema. Polit e Beck (2019) enfatizam a relevância de uma estratégia de busca bem estruturada, garantindo a inclusão de estudos pertinentes e minimizando o viés de seleção.

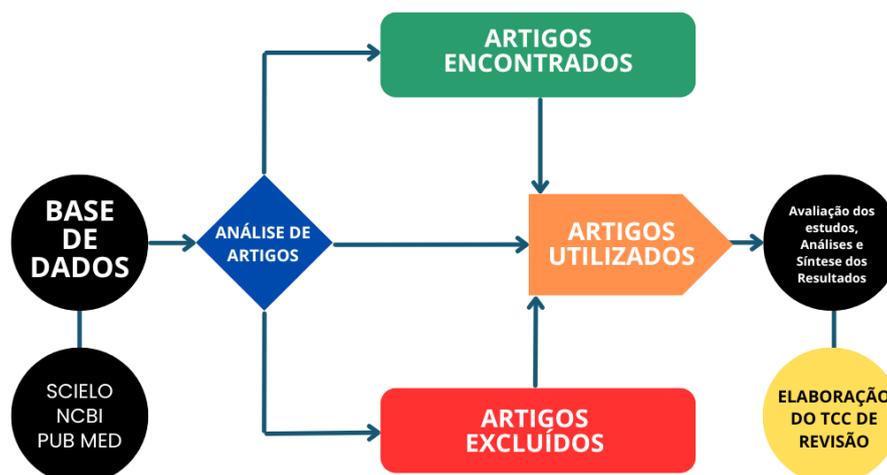
Green et al. (2020) ressaltam a importância de uma abordagem crítica e reflexiva durante essa fase, permitindo a identificação de lacunas no conhecimento e a formulação de questões de pesquisa relevantes e significativas. Após a seleção dos materiais, será realizada uma análise crítica dos textos, avaliando sua relevância, qualidade metodológica e contribuição para o entendimento do problema de pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente revisão bibliográfica buscou compreender o papel da enfermagem na prevenção e manejo clínico da dengue. Esse contexto exige uma abordagem multidisciplinar, com a enfermagem desempenhando papel fundamental na triagem, monitoramento e educação comunitária para controle da doença.

Durante a seleção dos estudos, foram incluídos apenas artigos publicados em sua totalidade, excluindo-se publicações opinativas. Ao final, 13 artigos foram selecionados para a elaboração desta revisão, conforme mostra a **Figura 1**.

Figura 1 – Fluxograma de identificação e seleção nas bases de dados sobre a assistência de enfermagem na dengue. (Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.)



A coleta utilizou palavras-chave como “assistência de enfermagem,” “manejo clínico,” “prevenção da dengue,” e “Aedes aegypti.” Os dados das plataformas pesquisadas são apresentados no **Quadro 1**.

Quadro 3 – Artigos encontrados em diferentes plataformas.

Plataformas	SCIELO	NCBI	BVS
Total encontrados	18	15	12
Total excluídos	12	8	6
Total incluídos	6	7	6

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

A distribuição dos artigos por ano de publicação encontra-se na **Tabela 1**.

Tabela 1 – Distribuição de artigos por ano de publicação

Ano de Publicação	Número de Artigos
2023	4
2022	3
2021	3
2020	2
2019	1
Total	13

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Os artigos selecionados são apresentados no **Quadro 2**, com foco nos objetivos e intervenções principais.

Quadro 4 – Síntese dos Estudos sobre a Enfermagem na Prevenção e Manejo dos Casos de Dengue

Código	Autores e Ano	Título do Artigo	Objetivos do Estudo	Conclusões Principais
A1	ras, M. V. (2021)	<i>A importância da atuação do enfermeiro na vigilância em saúde no combate e</i>	Evidenciar a importância da atuação do enfermeiro na vigilância em	O enfermeiro desempenha papel essencial nas ações administrativas, operacionais e

		<i>controle à dengue</i>	saúde	vas no combate à dengue.
A2	nes, L. V. et al. (2022)	<i>Capacitação de equipes do Núcleo de Apoio à Saúde da Família para o combate à dengue por meio da mobilização social</i>	Relatar a experiência de capacitação de s para combate à dengue	A capacitação promoveu ações duradouras e intersetoriais para o combate à dengue.
A3	isa, V. A. (2019)	<i>Práticas educativas para o controle da dengue nos serviços de saúde: o caso do município de Itaboraí</i>	Caracterizar práticas educativas no controle da dengue em Itaboraí	Ações educativas foram interrompidas e houve falta de regularidade na capacitação dos serviços de saúde.
A4	onalisio, M. R. et al. (2017)	<i>Arboviruses emerging in Brazil: challenges for clinicians and implications for public health</i>	Analisar desafios clínicos e de saúde pública no controle das arboviroses	A co-circulação de arboviroses pode significar a morbidade e aumentar a sobrecarga dos serviços de saúde.

A5	usa, J. P. et al. (2023)	<i>Avaliação do conhecimento sobre manejo da Dengue de profissionais e estudantes da saúde na Unidade Básica de Saúde número 1 da Estrutural/DF</i>	Avaliar o conhecimento de profissionais e estudantes sobre o manejo inicial da dengue	O conhecimento sobre manejo é precário, evidenciando a necessidade de ações educativas.
A6	ra, S. S. S. et al. (2023)	<i>Características clínicas e epidemiológicas das arboviroses epidêmicas no Brasil: Dengue, Chikungunya e Zika</i>	Analisar características clínicas e epidemiológicas das arboviroses	A semelhança sintomática dificulta o diagnóstico e manejo adequado das arboviroses.
A7	nco, W. A. et al. (2021)	<i>Conhecimento dos enfermeiros da atenção primária à saúde sobre arboviroses</i>	Analisar o conhecimento dos enfermeiros sobre arboviroses	Conhecimento sobre dengue é adequado, mas superficial em relação a zika e chikungunya.
A8	orim, M. L. C. et al. (2022)	<i>Desenvolvimento de ferramenta para a triagem de dengue e COVID-19 na atenção primária à saúde</i>	Desenvolver ferramentas para triagem de dengue e COVID-19	Ferramenta eficiente para triagem de sintomas comuns a ambas as doenças.
A9	onçalves, R. S. et al. (2020)	<i>Educação em saúde como estratégia de prevenção e</i>	Conhecer o trabalho de educação em saúde em uma UBS	As ações educativas foram eficazes para o controle de arboviroses

		<i>promoção da saúde de uma unidade básica de saúde</i>		na comunidade.
A _I ⁰	Dias, I. K. R. et al. (2022)	<i>Education-based Aedes Aegypti control actions: an integrative review</i>	Revisar estratégias de controle do <i>Aedes aegypti</i> baseadas em educação	Educação em saúde é um elemento essencial no controle de arboviroses.
A _{II}	Mol, M. P. G. et al. (2020) [(59)]	<i>Gestão adequada de resíduos sólidos como fator de proteção na ocorrência da dengue</i>	Verificar a associação entre gestão de resíduos sólidos e incidência de arboviroses	Gestão de resíduos sólidos está associada à diminuição de casos de dengue, principalmente em áreas vulneráveis.
A _I ²	Pontes, A. F. et al. (2022) [(60)]	<i>O papel da Enfermagem inserida na Atenção Primária à Saúde no controle das arboviroses</i>	Descrever o papel da enfermagem no controle das arboviroses	O papel da enfermagem é crucial na educação em saúde e controle das arboviroses na atenção primária.
A _I ³	rdim, M. L. P. (2020) [(61)]	<i>Dispositivo para triagem e avaliações qualitativas de pacientes atendidos em domicílio por equipes de saúde</i>	Desenvolver dispositivo para triagem domiciliar de pacientes com doenças crônicas	O dispositivo facilita a triagem domiciliar e melhora a qualidade do acompanhamento em áreas remotas.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Durante a análise dos artigos selecionados, evidenciamos como os enfermeiros estão na linha de frente tanto na prevenção quanto no manejo clínico da dengue. A triagem precoce realizada por esses profissionais é essencial para evitar que casos leves evoluam para formas graves, como ressaltam A_I (Veras, 2021) e A₈ (Borim et al., 2022). A rapidez com que os enfermeiros identificam sinais de alerta permite o início imediato de tratamentos adequados, salvando vidas e reduzindo internações desnecessárias.

A educação comunitária é outro ponto central nas estratégias de controle da dengue. A₂ (Nunes et al., 2022) e A₃ (Sousa, 2019) indicam que campanhas lideradas por enfermeiros têm um impacto significativo ao envolver a comunidade na eliminação dos criadouros do mosquito *Aedes aegypti*. Essas ações não apenas promovem mudanças de comportamento, mas também fortalecem o vínculo entre a população e os serviços de saúde, criando um senso de responsabilidade coletiva.

Os estudos A4 (Donalisio et al., 2017) e A9 (Gonçalves et al., 2020) destacam o papel vital dos enfermeiros no manejo clínico de casos graves de dengue, especialmente na administração de fluidos e na observação contínua de sinais de choque. Esses profissionais são treinados para agir rapidamente em situações críticas, assegurando a estabilização dos pacientes e minimizando os riscos de complicações.

Para organizar as principais práticas dos enfermeiros, elaboramos o Quadro – Estratégias de Enfermagem para Prevenção e Manejo da Dengue (Quadro 5), que sintetiza as abordagens identificadas nos estudos. Esse quadro destaca cinco pilares principais: educação em saúde, triagem precoce, vigilância epidemiológica, capacitação contínua e gestão clínica eficiente.

Quadro 5 – Estratégias de Enfermagem para Prevenção e Manejo dos Casos de Dengue

Estratégia	Descrição
Educação em Saúde	<i>Campanhas comunitárias para eliminar criadouros.</i>
Triagem Precoce	<i>Identificação rápida e acompanhamento inicial.</i>
Vigilância Epidemiológica	<i>Monitoramento e notificação de novos casos.</i>
Capacitação Contínua	<i>Atualização constante dos profissionais.</i>
Gestão de Casos Clínicos	<i>Administração de fluidos e monitoramento de sinais.</i>

8271

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Esse quadro reflete as principais estratégias identificadas ao longo da revisão e demonstra como a atuação dos enfermeiros vai além da prática clínica, abrangendo a prevenção, a educação e o engajamento da comunidade.

Entretanto, a falta de padronização nos protocolos de atendimento é um desafio persistente. A11 (Mol et al., 2020) alerta que, sem diretrizes claras, os serviços de saúde podem oferecer cuidados desiguais, especialmente em áreas com menos recursos. A padronização dos procedimentos é essencial para garantir que todos os pacientes recebam o mesmo nível de cuidado, independentemente de onde estejam sendo atendidos.

A formação contínua dos enfermeiros também se destaca como uma necessidade constante. A6 (Silva et al., 2023) sugere que a capacitação regular melhora não apenas as habilidades técnicas dos profissionais, mas também sua capacidade de comunicação e empatia. Isso é essencial em um contexto em que o atendimento humanizado faz toda a diferença para o bem-estar do paciente e sua confiança no tratamento.

A7 (Franco et al., 2021) e A12 (Pontes et al., 2022) reforçam a importância de uma

vigilância epidemiológica ativa, liderada por enfermeiros. Monitorar e notificar casos de dengue com precisão é fundamental para antecipar surtos e tomar medidas preventivas em tempo hábil. Além disso, a colaboração entre os enfermeiros e outros profissionais de saúde garante uma resposta mais rápida e eficaz.

A abordagem humanizada também é uma marca do atendimento de enfermagem. A10 (Dias et al., 2022) mostra que pacientes tratados com empatia e atenção personalizada tendem a se sentir mais seguros e amparados durante o tratamento. Esse cuidado emocional é tão importante quanto a intervenção clínica, pois alivia a ansiedade dos pacientes e seus familiares, especialmente em casos de dengue grave.

Além disso, A5 (Costa et al., 2023) sugere que a integração entre campanhas educativas e atendimento clínico melhora os resultados, pois a comunidade passa a confiar nos profissionais de saúde e se engaja nas medidas de prevenção. Essa confiança é essencial para o sucesso de campanhas de saúde pública e para o controle de doenças como a dengue.

Por fim, a análise dos estudos destaca que o sucesso no controle da dengue depende de um equilíbrio entre conhecimento técnico, habilidades clínicas e sensibilidade humana. O enfermeiro, com sua atuação em múltiplas frentes, é o elo que conecta ciência e cuidado, prevenindo doenças, salvando vidas e trazendo alívio para aqueles que mais precisam. É por meio dessa mistura de competência e empatia que a enfermagem se firma como uma peça essencial na construção de uma saúde pública forte e eficiente.

CONCLUSÕES

A assistência de enfermagem desempenha um papel fundamental na prevenção e manejo clínico da dengue, destacando-se como uma força essencial tanto na linha de frente das unidades de saúde quanto nas ações de educação e conscientização da comunidade. A partir da revisão dos estudos analisados, ficou evidente que os enfermeiros, além de suas competências técnicas, são agentes-chave no reconhecimento precoce de sinais e sintomas da doença, o que permite um tratamento imediato e eficaz, reduzindo complicações graves e a taxa de mortalidade associada.

A triagem precoce e o monitoramento contínuo de pacientes com dengue, conforme demonstrado nos estudos, reforçam a importância da capacitação constante desses profissionais para garantir o manejo adequado, especialmente em situações de surto. A padronização de protocolos clínicos e a colaboração intersetorial, com destaque para a vigilância epidemiológica liderada por enfermeiros, são elementos cruciais para o controle da dengue em áreas

vulneráveis.

Adicionalmente, a integração das campanhas educativas no controle da dengue, coordenadas pelos profissionais de enfermagem, mostrou ser eficaz ao envolver a comunidade na eliminação de criadouros do mosquito *Aedes aegypti* e na adoção de práticas preventivas. Esse vínculo entre a população e os serviços de saúde fomenta uma responsabilidade compartilhada no combate à dengue, demonstrando que a prevenção é um esforço coletivo.

Por fim, a análise dos achados deste estudo sugere que o sucesso no controle da dengue depende de um equilíbrio entre a aplicação de conhecimentos técnicos e a abordagem humanizada no cuidado ao paciente. A atuação do enfermeiro, tanto na prevenção quanto no manejo clínico, é essencial para garantir que a saúde pública avance com qualidade, eficiência e sensibilidade, salvando vidas e promovendo o bem-estar das populações afetadas. Dessa forma, a enfermagem se consolida como um elo vital entre ciência e cuidado, contribuindo de forma decisiva para a luta contra a dengue.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Natália Fernandes de et al. Análise das campanhas de prevenção às arboviroses dengue, zika e chikungunya do Ministério da Saúde na perspectiva da educação e comunicação em saúde. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 44, p. 871-880, 2020.

8273

ANDRIOLI, Denise Catarina; BUSATO, Maria Assunta; LUTINSKI, Junir Antonio. Características da epidemia de dengue em Pinhalzinho, Santa Catarina, 2015-2016. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, p. e2020057, 2020.

BARBOSA, Isabelle Ribeiro et al. Identificação de áreas prioritárias para a vigilância e controle de dengue e outras arboviroses transmitidas pelo *Aedes aegypti* no município de Natal-RN: relato de experiência. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 26, p. 629-638, 2017.

BARNIAL, J.; GACZKOWSKI, R. Usefulness and applicability of the revised dengue case classification by disease: multicentre study in 18 countries. *BMC Infectious Diseases*, v. 11, p. 106, 2011.

BHATT, S.; GETHING, P.; BRADY, O. et al. The global distribution and burden of dengue. *Nature*, v. 496, p. 504-507, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/nature12060>. Acesso em: 03 out. 2024.

BORIM, M. L. C.; FERREIRA, L. S.; DIAS, R. A. Desenvolvimento de ferramenta para a triagem de dengue e COVID-19 na atenção primária à saúde. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 4, p. 25-30, 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Dengue: diagnóstico e manejo clínico: adulto e criança*. 5. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <https://www.saude.gov.br>. Acesso em: 21 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Saúde

Ambiental, do Trabalhador e Vigilância das Emergências em Saúde Pública. *Manual sobre Medidas de Proteção à Saúde dos Agentes de Combate às Endemias*. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br>. Acesso em: 21 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. *Doenças infecciosas e parasitárias: guia de bolso*. 8. ed.rev. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Guia de Vigilância em Saúde*. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/4Qepmo>. Acesso em: 20 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Diretoria Técnica de Gestão. *Dengue: manual de enfermagem – adulto e criança*. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

COSTA, J. P.; ALMEIDA, F. R.; SILVA, V. P. Avaliação do conhecimento sobre manejo da Dengue de profissionais e estudantes da saúde na Unidade Básica de Saúde número 1 da Estrutural/DF. *Brazilian Journal of Development*, v. 9, n. 4, p. 38-44, 2023.

DIAS, I. K. R.; PEREIRA, C. L.; NASCIMENTO, F. G. Education-based *Aedes aegypti* control actions: an integrative review. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 27, n.1, p. 65-72, 2022.

DONALISIO, M. R.; RAMOS, M. C.; PEREIRA, L. M. Arboviruses emerging in Brazil: challenges for clinic and implications for public health. *Revista de Saúde Pública*, v. 51, p. 1-9, 2017.

FIGUEIRÓ, Ana C. et al. Óbito por dengue como evento sentinela para avaliação da qualidade da assistência: Estudo de caso em dois municípios da Região Nordeste, Brasil, 2008. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, dez. 2011.

FINK, A. *Conducting Research Literature Reviews: From the Internet to Paper*. Sage Publications, 2019.

FRANCO, W. A.; SANTOS, T. B.; OLIVEIRA, M. L. Conhecimento dos enfermeiros da atenção primária à saúde sobre arboviroses. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v.45, n. 3, p. 21-30, 2021.

GONÇALVES, R. S.; FERREIRA, P. M.; RIBEIRO, L. M. Educação em saúde como estratégia de prevenção e promoção da saúde de uma unidade básica de saúde. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 3, p. 55-60, 2020.

GREEN, S.; HIGGINS, J. P. T.; ALDERSON, P. *Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions*. John Wiley & Sons, 2020.

JARDIM, M. L. P. *Dispositivo para triagem e avaliações qualitativas de pacientes atendidos a domicílio por equipes de saúde*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Produto) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

KIM-KUAN LOW, G. et al. Global dengue death before and after the new World Health Organization 2009 case classification: a systematic review and meta-regression analysis. *Acta Tropica*, v. 182, p. 237-245, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.actatropica.2018.03.014>.

Acesso em: 21 out. 2024.

KRAEMER, M. U. G. et al. Past and future spread of the arbovirus vectors *Aedes aegypti* and *Aedes albopictus*. *Nature Microbiology*, v. 4, p. 854-863, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41564-019-0376-y>. Acesso em: 21 out. 2024.

LIMA, S. S. P.; ALVES, A. C.; MARTINS, R. C. Vigilância epidemiológica e ações de controle da dengue em áreas urbanas vulneráveis. *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre*, 2023.

MENEZES, R. O. et al. Um modelo epidemiológico com migração para o estudo da Febre Amarela. *Scientia Plena*, v. 19, n. 11, p. 119916, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14808/sci.plena.2023.119916>. Acesso em: 21 out. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. *Protocolo de manejo clínico e vigilância epidemiológica da dengue*. Brasília, 2019.

MOL, M. P. G.; CARDOSO, D. M.; PEREIRA, J. N. Gestão adequada de resíduos sólidos como fator de proteção na ocorrência da dengue. *Journal of Environmental Health*, v. 25, n. 3, p. 33-42, 2020.

MOL, S. P.; SILVA, M. R.; SOUSA, A. L. Características clínicas e epidemiológicas das arboviroses epidêmicas no Brasil: Dengue, Chikungunya e Zika. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 10, n. 1, p. 15-20, 2023.

8275

NEWTON, E. A.; REITER, P. A model of the transmission of dengue fever with evaluation of the impact of ultra-low volume (ULV) insecticide applications on dengue epidemics. *American Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, v. 47, p. 709-720, 1992.

NUNES, L. V.; SANTOS, J. P.; RODRIGUES, C. F. Capacitação de equipes do Núcleo de Apoio à Saúde da Família para o combate à dengue por meio da mobilização social. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 3, p. 65-72, 2022.

OPAS. *Dengue - Guia Prático de Atualização*. Departamento Científico de Infectologia (2016-2019), Departamento Científico de Emergência e Departamento Científico de Terapia Intensiva (2016-2019), 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Dengue: guidelines for diagnosis, treatment, prevention and control*. Geneva: World Health Organization, 2009.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Documento técnico para a implementação de intervenções baseado em cenários operacionais genéricos para o controle do Aedes aegypti*. Washington, D.C.: OPAS, 2019.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. *Nursing Research: Generating and Assessing Evidence for Nursing Practice*. Wolters Kluwer, 2019.

PONTES, A. F.; OLIVEIRA, J. M.; MELO, L. R. O papel da Enfermagem inserida na Atenção Primária à Saúde no controle das arboviroses. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 12, n. 2, p. 45-52, 2022.

RODHAIN, F.; ROSEN, L. Mosquito vectors and dengue virus-vector relationships. In: GUBLER, D. J.; KUNO, G. (Ed.). *Dengue and dengue haemorrhagic fever*. New York: CAB International, p. 45-60, 1997.

SILVA, Elisama G. C. et al. O conhecimento do enfermeiro sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem: da teoria à prática. *Revista Escola de Enfermagem USP*, v. 45, n. 6, p. 1380-1386, abr. 2011.

SOBRAL, Marcos Felipe Falcão; SOBRAL, Ana Iza Gomes da Penha. Casos de dengue e coleta de lixo urbano: um estudo na Cidade do Recife, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 1075-1082, 2019.

SOUSA, Nathália A. de. Controle de ovos de *Aedes aegypti* com *Metarhiziumanisopliae* IP 46 por diferentes técnicas. Goiânia, 2019.

SOUSA, V. A. *Práticas educativas para o controle da dengue nos serviços de saúde: o caso do município de Itaboraí*. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

TEIXEIRA, M. G. L. C. *Dengue e espaços intra-urbanos: dinâmica de circulação virale e efetividade de ações de combate vetorial*. 2000. 169 p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

VERAS, M. V. A importância da atuação do enfermeiro na vigilância em saúde no combate e controle à dengue. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 74, n. 3, p. 1-9, 2020.